

## CONTRIBUIÇÃO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A AUTONOMIA DO ESTUDANTE

Rosane da Silva Nunes<sup>1</sup>  
Leylianne Alves Vieira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho se propõe a apontar como se deu a interação entre a equipe de Comunicação Social/Jornalismo e o grupo de artesãs da palha de carnaúba, residentes na Rua do Horto, em Juazeiro do Norte, durante o primeiro ano de vigência do projeto de extensão “Mulheres da Palha: empreendedorismo social de artesãs da palha de carnaúba em Juazeiro do Norte”. Além disso, desenvolvemos algumas considerações acerca da importância de tais ações para a autonomia dos discentes, que adquirem um conhecimento fora da sala de aula, interagindo diretamente com a comunidade. Ademais, apresentamos reflexões quanto ao papel do professor em ações de extensão universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação comunitária. Extensão universitária. Autonomia.

*Contribution from the university extension to the student autonomy*

**ABSTRACT:** This work aims to point the interaction between the team of Social Communication/ Journalism and a group of craftswomen who works with carnaúba straw, residents on Rua do Horto in Juazeiro do Norte city, during the first year of the extension project “Women of Straw: social entrepreneurship of carnauba straw craftswomen in Juazeiro do Norte”. Moreover, we develop some considerations about the importance of such actions to the autonomy of the students too, who acquire knowledge beyond the classroom, interacting directly with the community. Furthermore, we present reflections on the role of the teacher in university extension activities.

**KEYWORDS:** Community communication. University extension. Autonomy.

### INTRODUÇÃO

O projeto “Mulheres da Palha: empreendedorismo social de artesãs da palha de carnaúba em Juazeiro do Norte” relaciona saber popular e conhecimento acadêmico a fim de fomentar o empoderamento social e econômico de um grupo de artesãs filiadas à Associação de Artesãos de Juazeiro do Norte. O grupo é composto por dez mulheres residentes à Rua do Horto, tradicional espaço de produção de artesanato em palha.

---

<sup>1</sup> Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará, professora assistente na Universidade Federal do Ceará (Campus Cariri), pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional do Semiárido – LEADERS (Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq), coordenadora adjunta do projeto de extensão “Mulheres da Palha: empreendedorismo social de artesãs da palha de carnaúba em Juazeiro do Norte” (rosane.nunes@cariri.ufc.br).

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (Campus Cariri), participante, entre os anos 2010 e 2012, do projeto de extensão “Mulheres da Palha: empreendedorismo social de artesãs da palha de carnaúba em Juazeiro do Norte”, membro do Grupo de Pesquisa “Estudos Fotográficos” (leyliannealves@yahoo.com.br).

Trata-se de um projeto de extensão desenvolvido por docentes e alunos dos cursos de Design de Produtos, de Comunicação Social/Jornalismo e de Administração da Universidade Federal do Ceará – *Campus Cariri*, com o apoio do PET Design e dos grupos de pesquisa Paidéia e Leaders, vinculados ao curso de Administração dessa mesma universidade. A equipe é composta por três docentes e onze alunos.

Em novembro de 2010 o projeto encerrou seu primeiro ano de atuação, e teve como principal apoiador externo o Banco Santander, por meio da ONG UniSol, parceria decorrente da conquista da 13ª edição do Prêmio Santander Universidade Solidária. O desafio maior dessa primeira fase do trabalho foi contribuir, primeiramente, para a consolidação do sentimento de coletividade e de cooperativismo entre as artesãs, para, então, melhorar a produção de artigos em palha e a comunicação interna e externa do grupo, a fim de divulgar o grupo à sociedade em geral e ao público consumidor, em particular.

A questão-problema do projeto é a precária articulação das artesãs com outros segmentos da sociedade, comportamento identificado até mesmo com relação à associação a qual são filiadas. Tal condição pode advir da baixa autonomia das mulheres, dificultando as ações protagonistas das mesmas.

Além do protagonismo das artesãs, há desafios no tocante ao lidar com o corpo discente envolvido no projeto, a saber: o incentivo à autonomia dos alunos e o engajamento deles em atividades interdisciplinares. Esse relato pretende discorrer sobre o papel do docente e do discente de Comunicação Social, no contexto de um projeto de extensão que pretende contribuir para a emancipação não somente do grupo de artesãs, mas também de seu outro importante ator nesse processo, os alunos.

Trata-se, portanto, de uma concepção política de extensão, no sentido de despertar o discente para um posicionamento mais ativo perante as demandas sociais e conseqüente inserção na esfera pública. Como nos lembra Severino (2007, p. 32),

é graças à extensão que o pedagógico ganha sua dimensão política, porque a formação do universitário pressupõe também uma inserção social, despertando-o para o entendimento do papel de todo saber na instauração do social.

É sabido, no entanto, que não cabe ao professor conscientizar, mas sensibilizar alunos e artesãs à tomada de ações proativas. Tal sensibilização pode acontecer de variadas maneiras, por isso, o projeto “Mulheres da Palha” desenvolve atividades de diferentes naturezas com seus alunos bolsistas.

No cerne da questão, tem-se a certeza da necessidade de formar o discente para além do treinamento técnico, promovendo uma experiência educativa extraclasse. Uma das maneiras de contribuir para a formação do aluno é incentivar a curiosidade pelas coisas do mundo, seja esse o mundo que se faz na dinâmica vivida na comunidade do Horto, seja o que se experimenta no convívio com estudantes de outros cursos. Sem curiosidade, não há criatividade e, nesse projeto, esta é condição primeira. “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a eles algo que fazemos” (FREIRE, 1996, p. 32).

O espaço de formação pedagógica do projeto relaciona-se ao ensino na medida em que aplica conteúdos trabalhados nas disciplinas curriculares, mas também no momento em que gera conteúdos para essas disciplinas, pois o que se vivencia no projeto pode se tornar tema de debates em sala. Ademais, o fazer extensionista referencia o objeto, ajuda a construí-lo e a dar-lhe relevância, posto que tal conhecimento científico parte da concretude das problemáticas reais percebidas na extensão. Em “Mulheres da Palha”, pretende-se que a extensão alimente a pesquisa, que, por sua vez, constrói o ensino, gerando um saber sistêmico e contínuo.

### **Atividades realizadas no âmbito da Comunicação**

Ao longo do primeiro ano de realização do projeto “Mulheres da Palha”, diversas ações foram realizadas diretamente na área de Comunicação. Vale ressaltar que os integrantes do grupo que estão ligados a outros cursos – Design de Produto e Administração – também participaram de algumas ações.

No início do ano, no mês de janeiro, os discentes de Comunicação Social – Jornalismo elaboraram um questionário semiestruturado, contendo 65 questões, divididas nos seguintes tópicos: identificação; profissão; valorização da profissão; sustentabilidade; comunicação e visão de futuro. A citada pesquisa teve como principal objetivo a elaboração de um quadro inicial da comunidade, das mulheres com as quais lidaríamos a partir dali. Tal metodologia não visa à quantificação de dados, mas sim responder às questões-guia do questionário (DUARTE, 2006).

Ao final da aplicação dos questionários, 21 mulheres haviam sido entrevistadas. Os dados preliminares foram os seguintes: a maior parte das mulheres ainda não entendia a que se propunha o projeto, bem como o considerava apenas como um curso; havia grande facilidade de pequenas discussões proliferarem, causando brigas internas, fato motivado, principalmente, quando as integrantes do grupo não separam vida pessoal da profissional; quase todas consideram o artesanato em palha de carnaúba uma arte, posto que poucos sabem fazê-lo; a maior parte delas não terminou o primeiro grau, algumas, inclusive não sabem ler; a grande parte é natural de Juazeiro do Norte; o trançar da palha é uma tradição familiar, a qual todas aprendem desde a infância o ofício; nenhuma dessas mulheres tem noção do que seja sustentabilidade ou qualquer outro termo que envolva o meio ambiente, a despeito de trabalharem diretamente com uma matéria-prima advinda da natureza em estado pouco beneficiado.

Logo em seguida, fez-se necessária a aplicação de um Grupo Focal (Foto 1), “[...] tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referências de um grupo em particular” (COSTA, 2006, p. 181). Os dez questionamentos giraram em torno do poder e do valor da comunicação dentro de um grupo, e foram aplicados no dia 30 de abril de 2011. Cada mulher foi representada por um número. Todas foram postas em um círculo. Um dos bolsistas se dedicava à função de mediador, outro transcrevia as respostas e outro ficava responsável pelas anotações referentes ao comportamento do grupo.

Foto 1 – Aplicação do Grupo Focal.



Fonte:Acervo pessoal de Leylianne Alves.

A principal resposta conseguida por meio desta metodologia foi a confirmação de que as artesãs não têm facilidade de se expressar. No entanto, vale ressaltar que demonstram acreditar no poder da fala e, hoje, confiam muito mais nas pessoas que se aproximam, podendo falar com maior liberdade. Em sequência a esta experiência, dedicamo-nos a oficinas de comunicação comunitária.

Jornalismo comunitário é “[...] uma das formas mais factíveis de democratizar o acesso à informação [posto que] a verdadeira comunicação só ocorre na comunidade” (PENA, 2010, p. 184). A primeira delas foi aplicada pela professora-coordenadora do projeto. O público foi composto pelos bolsistas dos cursos de Comunicação e de Design envolvidos com o projeto.

Nos dois encontros os bolsistas puderam aprender um pouco sobre experiências de comunicação comunitária no Brasil, além de produzir material referente à comunicação. Na realidade, esses momentos se propunham a preparar uma ida a campo, em que os bolsistas de Comunicação aplicariam outra oficina referente à área para as artesãs.

A oficina aplicada no Horto dividiu-se em três partes: no primeiro dia, as mulheres ouviram a música “Nordeste pra frente”, de autoria de Luiz Gonzaga, a fim de discutir o valor da Comunicação. Em seguida, foi aberto um momento para que as artesãs pudessem fazer fotografias dos locais que mais lhes marcaram na região e produzir pequenos vídeos nos quais, em grupos de três, se entrevistavam. Nesse tocante, o método utilizado foi o autofotográfico (MONTEIRO, 1994), o qual consiste em permitir que o sujeito possa revelar o seu “eu” sem as limitações da escrita ou da comunicação verbal, pois, nesse método, são levados em conta não apenas o conteúdo das fotos, mas a pessoa que fotografa. Esse processo foi escolhido por contribuir para o sentimento de pertença ao Horto.

No segundo dia, aconteceu uma roda de histórias (Figura 2), na qual as mulheres puderam descrever, por meio de uma metodologia alternativa, como se dá a vida naquela comunidade, utilizando como mote às fotografias feitas no dia anterior.

Foto 2 – Artesãs cotam histórias a partir de fotografias.



Fonte: Acervo pessoal de Leylianne Alves.

Por fim, no último dia de oficina, demos início à feitura de um cordel, contando a história das “Mulheres da palha”, com a ajuda do cordelista Hamurábi Batista. Eis aqui um fragmento do cordel “A História das Artesãs da Palha da Rua do Horto”, lançado em setembro de 2011:

Eu vou contar a história/ Das artesãs e sua lida/ Seu trabalho, o artesanato/  
E a beleza dessa vida/ Tenha o leitor paciência/ É uma história comprida.  
(...) Santas Marias da Palha/ Tantas mulheres guerreiras/ Força, beleza e  
arte/ Atuações verdadeiras/ Demonstrações da cultura/ Das populações  
romeiras. (...) Sentadas todas no chão/ Sabem a palha trançar/ Sem tirar  
os olhos do feijão/ Nem dos filhos descuidar/ Pastorando seus meninos/  
Nem sequer um ponto errar.

Todas as ações da oficina de comunicação giravam em torno do empoderamento das artesãs por meio da fala, uma vez que, na comunicação comunitária, emissor e receptor se alternam no exercer de suas funções e o meio deve ser acessível a todos da comunidade.

Por fim, o grupo se dedicou à elaboração de um portfólio dos produtos das “Mulheres da Palha”. O material está dividido em duas partes: impressa e digital. A parte impressa é composta por fotos e textos que contam desde a história do local até a história do projeto, passando pelo artesanato e pelo grupo. Já a parte digital é um documentário de 15 minutos, ainda em edição, abordando aspectos como a vida das artesãs da palha, relação delas com o meio ambiente e com o projeto, valorização do trabalho, expectativas, entre outros (Foto 3). Tanto os textos quanto as gravações foram feitos pelos bolsistas de Comunicação. O layout do portfólio está sendo elaborado pelos bolsistas de Design de Produtos.

Foto 3 – Bolsistas entrevistam artesã em sua casa.



Fonte: Acervo pessoal de Rosane Nunes.

### **Valor para o discente em Comunicação Social**

Analisando a sequência de experiências proporcionadas aos bolsistas de Comunicação Social, podemos perceber que vários foram os âmbitos da comunicação abordados em um ano de vivências em campo. Além de verificar a evolução do grupo de mulheres, que hoje expõe suas angústias e opiniões, também foi possível elaborar entrevistas, lidar com momentos de tensão durante gravações, pensar locações e montagens de vídeos. Estas são experiências que, certamente, viriam no decorrer da vida profissional e acadêmica. No entanto, a vivência em campo enriquece o caráter profissional do indivíduo.

Ao longo do ano, algumas situações de tensão puderam ser vivenciadas. A principal delas se deu durante o Grupo Focal. Lidar com quem não quer se expressar é rotineiro na profissão de comunicador social. No entanto, deve-se saber superar isso, assim como guiar o entrevistado. Esta foi uma das maiores conquistas dos discentes de comunicação: saber lidar com o silêncio e usar dos diálogos como metodologia.

Para além disso, o maior valor que pode ser absorvido foi o de lidar com a comunidade. Perceber que é possível construir com ela, dando voz às artesãs, neste caso. Poder absorver-lhes suas histórias de vida e transformar isso tudo em comunicação, em expressão, quer por meio de vídeos, quer por textos.

### **O papel do professor nas ações extensionistas**

No tocante à comunicação, dois objetivos foram alcançados: contribuir para a construção identitária do grupo de artesãs – por meio do exercício da fala proveniente da melhora do fluxo interno de

comunicação – e divulgá-lo externamente, através da elaboração de produtos que propaga o trabalho dessas mulheres. Paralelamente, foi feito um trabalho de assessoria de imprensa, que obteve resultados satisfatórios, considerando que essa não era uma meta prevista na concepção do projeto.

Durante todo o processo, os discentes foram não apenas facilitadores. Em diversos momentos, alguns alunos foram idealizadores de atividades importantes para o crescimento do projeto. O ponto a se destacar aqui foi o papel de protagonistas dos alunos, os quais procuraram vencer dificuldades iniciais, advindas com o pouco “crédito” que as artesãs ainda lhe conferiam, por serem estudantes.

Dois ações merecem destaque: o lançamento do cordel e a produção de entrevistas em vídeo para o portfólio. Na primeira atividade, houve um trabalho de Assessoria de Imprensa que resultou em três reportagens televisivas, duas impressas e duas radiofônicas. Nessa atividade, a redação do *release* e o contato com a imprensa foi protagonizado por alunos de Jornalismo. No tocante ao vídeo com as artesãs, as entrevistas foram produzidas, roteirizadas e editadas pelos estudantes (Foto 4). O papel da professora da área foi a de supervisionar as atividades, ratificando uma postura autônoma do grupo de alunos, posto que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 1996, p. 59)

Foto 4 - Artesã concede entrevista durante lançamento do cordel



Fonte: Acervo pessoal de Leylianne Alves.

Sendo assim, constituiu-se um equilíbrio na relação entre docente e estudantes, de maneira que a extensão proporcionou aos bolsistas a possibilidade de conduzir as atividades do projeto com responsabilidade compartilhada; experiência que, acreditamos, irá contribuir não apenas para a sua formação cidadã como para o seu desenvolvimento profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, podemos destacar que a extensão em comunicação pode ser aproveitada, pelos discentes, como uma forma de conhecer a região, o povo, bem como saber lidar com ele e consigo mesmo. O aluno que passa por uma experiência dessas não será um profissional como outros. Ele adquire uma visão diferenciada do mundo, guiada por suas experiências.

Além disso, a extensão também tem um viés que perpassa a pesquisa. Muito do que se vê na extensão não é visto em sala de aula, abrindo novas possibilidades de caminhos para os discentes. Sobretudo,

## REFERÊNCIAS

BATISTA, H. **A história das artesãs da palha de carnaúba da rua do horto**. Juazeiro do Norte: 2011 (Folheto em cordel / Projeto Mulheres da Palha).

COSTA, M. E. B. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2006.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MONTEIRO, J. M. C. **Ethnographic study of the kids on the streets of Fortaleza, Brasil**. 1994. 320f. Tese (Doutorado) – Southern Illinois / University at Carbondale, Carbondale, Illinois, EUA, 1994.

PENA, F. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Submetido em 10 de janeiro de 2012.

Aprovado em 13 de junho de 2012.